

## Complexo Penitenciário da Papuda

Ao contrário do que ocorria sob a ditadura militar, golpistas presos não estão em local ignorado

*Miguel de Almeida*, 16/01/2023

Link: <https://oglobo.globo.com/opiniao/miguel-de-almeida/coluna/2023/01/complexo-penitenciario-da-papuda.ghtml>



O Complexo da Papuda Jorge William

Os familiares dos golpistas presos — tias, primos, sogras e outros agregados — podem ficar tranquilos. Ao contrário do que ocorria sob a ditadura militar, não estão em local ignorado, mas na Papuda ou na Colmeia.

Aos parentes dos terroristas que ainda devem ser presos e condenados, outro alívio. Seus entes queridos — enteados, madrinhas, noras — não serão torturados, queimados com cigarros, pendurados no pau de arara, como aconteceu no regime exaltado pelo capitão.

Os deputados que devem ser cassados por incitação à desordem — terroristas, enfim, com o dinheiro público — merecem uma palavra de conforto. Não terão o mesmo destino de seus colegas, como Rubens Paiva, até onde se sabe, jogado de um avião em meio ao mar. Entre outros parlamentares de oposição cujos corpos ainda hoje continuam desaparecidos.

Tranquilizem-se os financiadores do golpe, para descanso de seus familiares, porque, ao serem presos, terão direito a um advogado, a um juiz e ainda escova e pasta de dente. Esqueçam o Wi-Fi.

É um pessoal com muita sorte, porque, afinal, a ditadura militar caiu em 1985 e, desde então, mesmo com sustos, o Brasil é um país democrático. Significa que os direitos individuais são respeitados mesmo para os desqualificados desejosos de extinguir a liberdade de seus compatriotas.

O respeito à regra estabelecida pela Constituição de 1988, alcunhada de Cidadã pelo grande Ulysses Guimarães, dá guarida a pastores e seus sabujos parlamentares a chamar a destruição de 8 de janeiro de manifestação democrática. Fossem o roubo, a quebra-deira e as bombas, as mesmas jogadas nos palácios em [Brasília](#), colocadas em seus templos, seria algum tipo de liberdade de expressão? O nome não é outro, mas terrorismo, do mesmo naipe praticado pelos bozofascistas, a quem tais religiosos, com isenção de impostos, na física e na jurídica, incitam com permissividade criminosa.

Ao longo do infortúnio bolsonarista, a classe política e parte da Justiça toleraram a sedição e a desobediência civil. Quando o ex-deputado [Daniel Silveira](#) se escondeu na Câmara, sob auspícios de seus colegas, para não cumprir ordem judicial, o que foi aquilo? Os militares, ah, os militares. Deixaram a nação sob ameaça sistemática dos impropérios golpistas de um ex-colega de farda. Nada a estranhar — é algo que acontece desde Deodoro. O Brasil é um país tão atrasado que ainda temos medo de golpe militar.

E permanece em cartaz o caso exemplar de Arthur Lira. Sentado sobre uma centena de pedidos de impeachment, ao longo de anos, o deputado alagoano se mostra protocolarmente contrário à destruição perpetrada por seus correligionários de alma. Como se sua atilada inação não houvesse contribuído para o 8 de janeiro.

Seu ar grave nas declarações, o semblante queimado de sol, procura apagar o passado de protetor incontestado, até apaixonado, das artimanhas golpistas de seu parceiro de jogo. Nas redes sociais do bozofascismo, apenas **Rodrigo Pacheco** é atacado. Lira — por que será? — nem sequer tem seu nome mal grafado por aqueles que picharam no prédio do Supremo — perdel [sic], mané. Camuflado com parcimoniosa e estudada indignação, ao menos até agora, aguarda-se de Lira a revelação no capítulo final: médico ou monstro? Democrata ou bolsonarista? Até o Putin já decidiu seu lado diante da quimera brasileira.

O terrorismo da extrema direita, com a tentativa de incriminar a esquerda, comete patuscadas. Dias atrás, um bolsonarista, diante de um caminhão que se recusou a participar de piquete, teve sérios ferimentos na cabeça ao estourar o pneu do veículo com um canivete. Acidentes acontecem.

“Argentina, 1985”, na Netflix, conta como um heroico promotor levou a julgamento os generais da ditadura de seu país. De início, a sociedade apoiava os governos militares. Os depoimentos das vítimas, ao detalhar o sofrimento, as sevícias e os elaborados métodos de tortura, alteram o clima. São ouvidos relatos de estupros, de grávidas parindo no chão de carros, sem assistência, de jovens mães afastadas de seus bebês; de gritos desesperados de homens e mulheres espancados pelos policiais. As revelações tornam insustentáveis o apoio da opinião pública aos militares levados ao banco dos réus. Os criminosos são condenados. Acabam atrás das grades.

O filme argentino escande o erro brasileiro ao perdoar os torturadores e outros atores do Golpe de 64. Foi um erro acordado. Repeti-lo, ao não punir os bolsonaristas já presos e sua cadeia de comando, ainda em férias, só aprofundará a tragédia brasileira. Se o 8 de janeiro marca um antes e um depois na História do país, a escolha é entre a lama e a glória.